



A CORAGEM COMO ELEMENTO DE CURA ONTOLÓGICA

Pablo Fernando Dumer^{*}

RESUMO:

O ser humano é alguém que pergunta por si mesmo e nega-se ser coisificado. O ser humano, existencialmente, é um *ser* que se confronta com o *não-ser*. Tal paradoxo exerce a dinâmica de realização do *ser*. Tal impulso do *ser* é a *coragem*. O *incondicionado* exige que o *ser* deixe uma situação estática e se lance para um estado de falta de lugar. Pretendemos mostrar como a *coragem* é elemento de cura ontológica do *ser* alienado. Através de correlação entre o conceito de *coragem* em Tillich, a perspectiva terapêutica da logoterapia, da busca pelo *sentido* na ambiguidade humana, e discutindo com a realidade latino-americana da pergunta dos oprimidos por sentido, queremos elaborar uma aplicação do conceito de *coragem* como cura ontológica do *ser* alienado de si. Afirmamos que o *ser* existencial, possuído pelo absoluto, encontra o sentido ontológico na falta de sentido da existência alienada, mediante o ato da *coragem* ontológica e, assim, agrega sua identidade fragmentada.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia Teológica. Paul Tillich. Coragem de ser.

A Problemática: análise antropológica

O presente artigo discute a partir da problemática do sujeito em sua busca de identidade que se pergunta “quem sou eu?” na procura do reconhecimento de seu papel no mundo. Ele se pergunta pela sua identidade, pois percebe-se diluído de identidade própria, uma vez que sua identidade é atribuída por poderes externo e sente dificuldade na realização própria: seu papel social, seu lugar econômico não são produtos de sua própria liberdade e escolha, mas algo dado e, portanto, entra em conflito com o impulso próprio de realização.

Para além desse fato primário, o ser humano é envolvido numa série de rotinas, ou seja, é absorvido pela máquina que gira e torna-se uma peça da mesma,

^{*} O autor é mestrando na área de Teologia e História na Faculdades EST, São Leopoldo-RS, onde também é graduado em Teologia. Pesquisa Antropologia Teológica em Paul Tillich, sob orientação do Prof. Dr. Rudolf von Sinner. É bolsista CNPq. O presente artigo é fruto de um semestre de pesquisa (2014-II), por ocasião do TCC da graduação, onde pesquisou sobre o conceito de Coragem em Tillich, aplicando-o ao Aconselhamento Pastoral sob orientação do Prof. Dr. Lothar Carlos Hoch. Contato: dumerluterano@gmail.com

uma coisa entre outras coisas, comercializada e instrumentalizada¹. Dessa forma, temos como problemática do sujeito que o ser humano é um produto de situações culturais, sócio-político-econômicas, e, mais além, ontológicas.

A pergunta por identidade, ou seja, por autenticidade, realização própria, passa do “quem sou eu?” para “ser ou não ser?”, quando reconhece que sua realização, para além de uma pergunta por seu papel, é uma pergunta de vida ou morte, pois uma existência alienada, ou seja, dissociada de realização própria, não é sua própria existência. A alienação se dá num processo de coisificação do sujeito e uniformização dos sujeitos.

A percepção de tal alienação, e, assim, não-existência, é mais uma vez engolida pela rotina, dessa vez não econômica, não social, mas cultural e, talvez, religiosa, ideológica. A identidade do sujeito é fragmentada nas diferentes funções sociais e a realização dissocia-se do sujeito concreto sendo depositada, novamente, numa realização alienante, seja em dimensões religiosas, seja, por exemplo, pela realização do personagem favorito da televisão.

Da problemática exposta chegamos às conclusões que o ser humano tal como peça numa máquina ou personagem num espetáculo o sujeito vive rotinas, papéis e roteiros que não são seus. A concepção marxista do ser humano o compreende como produto histórico, em que o ser humano realiza não o seu próprio projeto, mas ele próprio já faz parte de um projeto histórico².

Quando falamos da condição existencial do ser humano sempre falamos do ser humano num estado em que não se realiza, que não é. O símbolo teológico que melhor pode exemplificar esse estado é o da queda. O ser humano caído “sempre está no não-ser, no tornar-se, no ser, sempre em deficiência, em possibilidade, em realidade, sempre em pecado”³.

Sob tal problemática, urge a pergunta de como o ser humano, o sujeito, pode realizar-se, enquanto indivíduo, ou seja, enquanto autêntico, dotado de identidade própria, pessoal, plena e realizada.

¹ DUSSEL, Enrique D. Método para uma Filosofia da Libertação: superação analética da dialética Hegeliana. São Paulo: Loyola, 1986, p. 269.

² MARX, Karl. O 18 de brumário de Luís Bonaparte. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 25.

³ Lutero apud EBELING, Gerhard. . O pensamento de Lutero: uma introdução. São Leopoldo: Sinodal, 1988, p. 127.

A Discussão: em busca de algum sentido

Ao mesmo tempo em que não falamos de um ser humano pronto, imutável, uma vez que é produto histórico, também não falamos de uma história acabada, imutável, ela está em aberto e, tanto como o ser humano é produto histórico, é um produto humano. O ser humano que pergunta por sua identidade, já é um ser humano que exige a si mesmo como sujeito e enfrenta a sua alienação, embora não saiba como romper com sua objetificação: possui uma relação dialética com a história.

Ao mesmo tempo que o ser humano reconhece que vive um projeto que não é seu e que faz parte de um mundo, como uma peça faz parte de uma máquina, ele também percebe a si como um alguém que não se confunde com o mundo, mas é capaz de reconhecer ao mundo e a si⁴. Quando pergunta sobre sua identidade, pergunta sobre seu aspecto que ele possa ser reconhecível, apesar de sua fragmentação, um estado conhecido, ou desejado, de individualidade, indivíduo aqui entendido como indivisível⁵, ou seja, a superação da sua fragmentação.

O ser humano passou de um estado onde tudo era imutável, pré-determinado, pré-modernidade, para um estado de mutabilidade permeada pela ideia do progresso, modernidade, e este agora percebe que, como ele é fragmentado e alienado, o mundo e a história é fragmentada e alienada. O ser humano passa a se encontrar numa situação em que nem na heteronomia, nas leis históricas e/ou naturais, pode encontrar sentido último, nem numa autonomia, destituída de identidade própria. E esta vacuidade de sentido, a ausência completa de certezas, a contingência da dúvida, ou, em outras palavras, este niilismo, é a principal manifestação de angústia da atualidade⁶. É o que Tillich chama, em *A Coragem de Ser*, de *angústia espiritual*, ou seja, ansiedade diante da vacuidade e insignificância⁷.

A logoterapia discorda da psicanálise em sua compreensão antropológica. Enquanto a psicanálise entende o ser humano como regido por satisfação e gratificação, a logoterapia entende o ser humano como regido pela realização de um

⁴ TILLICH, Paul. Teologia Sistemática. 6. ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011, p. 180.

⁵ TILLICH, 2011, p. 184.

⁶ FRANKL, Viktor E. Em Busca de Sentido: Um psicólogo no campo de concentração. 32. ed. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Vozes, 2012, p. 151.

⁷ TILLICH, Paul. A Coragem de Ser: Baseado nas Conferências Terry Pronunciadas na Yale university. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972, p. 36.

sentido⁸. A busca do sentido, na logoterapia, não é uma forma de fuga do sofrimento ou uma aceitação resignada do mesmo, mas um ato de coragem sobre o sofrimento onipresente na vida, assim, a busca do sentido “não consiste em obter prazer ou evitar a dor, mas antes em ver um sentido em sua vida”⁹. A dignidade diante do sofrimento é um ato de coragem que permite ao ser humano transcender o sofrimento¹⁰.

A palavra *sentido* pode ser entendida tanto como significado como direção. Na relação ser humano e história, o sentido se relaciona à temporalidade como uma direção, algo que aponto a um alvo, um *fim*. Enquanto *ser* que dá significado ao mundo, o ser humano “é um ser que coloca fins”, dá *sentido* ao mundo, e, dessa forma, seu presente (e sua presença) é determinado pelo *futuro*¹¹.

Para o existencialismo, como também para o marxismo, o ser humano “é sempre um ‘ainda-não que será’, uma não-totalidade, ou uma totalidade inacabada”, ou ainda, uma “totalização-em-curso”, ou seja, “uma perpétua totalização em busca de uma totalidade que nos falta (o nosso ‘si’ propriamente dito)”¹². A filosofia existencialista, entretanto, discorda que o passado determine o presente do ser humano, ela afirma que o futuro determina a ação do ser humano no presente¹³.

O *futuro* é pulsão da vida, como possibilidade, ele é vontade. Ele é transcendência porque não se reduz ao mundo das coisas dadas, assim, é o elemento escatológico da vida humana e se expressa na *coragem*, no *sentido* e no conceito de *projeto*. O conceito de *projeto* significa “essa propriedade da realidade humana de ser continuamente lançada adiante de si e estar sempre no futuro”¹⁴. Dessa forma, ele exige *fé*, pois é possibilidade, em outras palavras, o *ser* que pode tornar-se passado, ou seja, estar reduzido a coisa que é o que é, precisa lançar-se ao *não-ser* para transcender a si mesmo e tornar-se *ser* de sentido e significado. Mas sob que fundamento tal *fé* pode estar alicerçada, uma vez que as certezas diante de si mesmo ou da história e mundo estão descartadas?

⁸ FRANKL, 2012, p. 128.

⁹ FRANKL, 2012, p. 137.

¹⁰ FRANKL, 2012, p. 89.

¹¹ PERDIGÃO, Paulo. Existência e Liberdade: Uma introdução à filosofia de Sartre. Porto Alegre: L&PM, 1995, p. 83.

¹² PERDIGÃO, 1995, p. 44.

¹³ PERDIGÃO, 1995, p. 129-130.

¹⁴ PERDIGÃO, 1995, p. 81.

O Elemento: a coragem de ser

Analisada e discutida a situação do ser humano de não estar realizando-se, apresentamos o conceito já dado no cabeçalho de “Coragem” como elemento de cura ontológica, ou seja, como elemento que possibilita a desfragmentação da identidade do ser humano que possibilita sua realização. Tillich define a Coragem como “auto-afirmação ‘a-despeito-de’”¹⁵, ou seja, a despeito da angústia, da incerteza. Para Tillich, a Coragem possui aspecto ontológico e ético, em suas palavras, “Coragem como um ato humano, como matéria de avaliação, é um conceito ético. Coragem como auto-afirmação do ser de alguém é um conceito ontológico”¹⁶. A Coragem deve ser entendida em sua dupla definição, como ato ético e afirmação do ser, ou seja, da busca pela identidade. Ela é um elemento de decisão, e portanto ético, e ao mesmo tempo um elemento que agrega a própria estrutura do ser¹⁷. A definição, tanto ética como ontológica da Coragem, corresponde, pressupõe e conduz necessariamente uma à outra¹⁸.

Tillich toma cuidado em definir o termo Coragem para que não seja confundido com valentia, ou bravura. Ele chama a atenção que a palavra “coragem” deriva da palavra latina para “coração”, ou seja, *cor* ou *cordis*¹⁹. Em alemão, *Mut*, também está em relação a palavra inglesa, *mood*, que significa um estado de ânimo, novamente em relação ao latim *anima*, ou, “sopro”, denotando a relação coragem-espírito.

A Coragem é a possibilidade do ser a despeito das incertezas. Dietrich Bonhoeffer, teólogo e pastor alemão, contemporâneo de Tillich, embora não do livro *A Coragem de Ser*, vive no contexto do totalitarismo nazista, com sua exigência de certezas para a consciência do povo alemão e fala a respeito de uma coragem que enfrenta a incerteza em seu livro *Discipulado*. Ele diz que o discípulo, ou seja, o que é atingido por esta coragem, “é arrancado de sua relativa segurança de vida e

¹⁵ TILLICH, 1972, p. 25.

¹⁶ TILLICH, 1972, p. 03.

¹⁷ TILLICH, 1972, p. 01.

¹⁸ TILLICH, 1972, p. 02.

¹⁹ TILLICH, 1972, p. 05.

lançado à incerteza completa (i. é, na verdade, para a absoluta segurança e proteção da comunhão com Jesus)”²⁰.

Tillich, falando das três virtudes teológicas, relaciona o aspecto ético da Coragem ao amor, ou caridade, e o aspecto ontológico à esperança e à fé²¹. Entendendo a Coragem como elemento de cura ontológica, chega-se ao questionamento se não seria essa fé apenas uma ilusão, uma válvula de escape ao invés de um elemento de cura, propriamente dito.

A fé da qual Tillich se refere não é a crença em algo inacreditável²². Isso seria um reducionismo do que seria a fé. Em Tillich, “fé não é uma afirmação teórica, de algo incerto; é a aceitação existencial de algo que transcende a experiência ordinária. A fé não é uma opinião, mas um estado”²³. Nessas palavras, Tillich resume a concepção de fé como estar possuído pelo ser-em-si²⁴, por aquilo que toca o ser humano de forma incondicional²⁵. A fé exige não apenas a mente da pessoa, mas a pessoa inteira²⁶, o *ser* todo é requerido pela *fé*. Em outras palavras, a *coragem* requer não só a consciência, mas o *ser* inteiro em seu ato ético e ontológico.

Esse estar possuído pelo ser-em-si é o conteúdo da Coragem, que permite que o lançar-se à incerteza não se torne um salto suicida, uma coragem niilista, que desafia tudo e todos. Esse ser-em-si é o fundamento do *ser*, é Deus²⁷. Falar dessa fé é falar em experiência com e de Deus e não apenas sobre uma ideia ou noção de Deus²⁸. Para Tillich, Deus “é a resposta à pergunta implícita na finitude do ser humano; ele é o nome para aquilo que preocupa o ser humano de forma última”²⁹. Deus, em Tillich, é o *incondicional*. Esse *incondicional* é o elemento de insegurança que vai de encontro a toda falsa segurança.

²⁰ BONHOEFFER, Dietrich. Discipulado. 11. ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011, p. 21.

²¹ TILLICH, 1972, p. 07.

²² TILLICH, 1972, p. 133.

²³ TILLICH, 1972, p. 134.

²⁴ TILLICH, 1972, p. 134.

²⁵ TILLICH, Paul. Dinâmica da Fé. São Leopoldo: Sinodal, 1974, p. 05.

²⁶ GOUVÊA, Ricardo Quadros. Paixão pelo Paradoxo: Uma Introdução aos Estudos de Søren Kierkegaard e de sua Concepção da Fé Cristã. São Paulo: Fonte Editorial, 2006, p. 150.

²⁷ MUELLER, Enio R. O Sistema Teológico. In: MUELLER, Enio R., BEIMS, Robert W. (Orgs). Fronteiras e Interfaces: O pensamento de Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2005, p. 81.

²⁸ DICK, Hilário. Na Busca do Ser: a angústia de não-ser. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 25.

²⁹ TILLICH, 2011, p. 219.

A *coragem de ser* está fundada em Deus, que é fundamento do *ser*. Contudo, não se pensa aqui, nem se pode pensar, Deus como um ser ao lado de outros seres, ainda que superior a todos eles³⁰. Deus como um ser é tão ateísta como a negação completa de Deus³¹. Tal Deus seria um ídolo e uma coragem baseada nesse ídolo não representaria a cura do indivíduo, mas agravaria ainda mais seu estado de *angústia*. O *incondicional* é o fundamento e o abismo de todo o *ser*.

A Cura: o processo libertador da alienação

Até aqui descrevemos a Coragem como elemento de cura do *ser*, isto é, seu aspecto ontológico de auto-afirmação e transcendência da finitude do *ser*. A Coragem também tem caráter de ferramenta, isto é, aspecto ético, como ato. A Coragem representa a cura do dilema do *ser* não só na significação daquilo que é, mas também em seu acontecimento e realização.

Sobre o processo, ou pistas dele, queremos abordar agora. Mas primeiramente é preciso explicitar o que queremos dizer com “cura”. Cura ontológica, que se oriunda de cura d’alma, não significa o desaparecimento da doença, mas o cuidado com o ferimento. Cura d’alma em alemão é *Seelsorge* e não *Seelheilung*, de forma a explicitar esse sentido. Não existe, também, um “método” de cura ontológica, o que poderia dar-se a entender quando dizemos processo. Refletimos, isso sim, sobre usos dessa ferramenta.

A Coragem, como elemento de cura ontológica, não se refere a heroísmos e tampouco com ascetismo moral. Trata-se, antes, de um “anseio de viver e de sobreviver”, do que o teólogo salvadorenho Jon Sobrino chamou de “santidade primordial”³². Não se trata de uma santidade da virtude, ou seja, da força, mas do sofrimento³³, que é a própria condição do *ser* humano alienado.

Diante do sofrimento, da alienação, é comum que as pessoas fujam de seu enfrentamento. Mas a luta de negação da alienação é uma luta contra si própria e

³⁰ TILLICH, 2011, p. 242.

³¹ TILLICH, 2011, p. 243.

³² SOBRINO, Jon. Onde está Deus?: Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 113.

³³ SOBRINO, 2007, p. 113.

agrava mais ainda o estado. Como Heidegger chama a atenção: “Buscam a salvação na fuga, o que quer dizer, esquivam-se a contemplar intimamente a problematidade da posição metafísica do homem”³⁴. Heidegger também chama a atenção que a *dor* nos coloca na mais íntima constatação de nosso *ser*³⁵, isto é, revela-o.

A expressão “honradez com o real” de Sobrino conduz a teologia a “deixar a realidade ser o que é”³⁶, sem manipulá-la ou maquiá-la. Isso significará reconhecer e assumir a alienação. A realidade precisa ser assumida e aceita, este é o primeiro passo numa cura d’alma libertadora, numa cura d’alma da Coragem. Isso é honradez com o real. Isso é o contrário de fuga. O Aconselhamento a partir da Coragem deve chamar a pessoa de volta à realidade, apresentá-la à sua real situação e lhe convocar honradez, honestidade³⁷. Assim começa a formação de identidade autêntica.

A cura da alienação é superar o estado de fragmentação da identidade, do sentimento, de muitas pessoas, do abismo de consciência entre o que se é e o que se deveria, ou se quereria, ser. Alienação implica que há um estranhamento entre as partes, uma falta de reconhecimento de si mesmo, ou de seu papel. Cura ontológica, portanto, é re-unir as partes. A alienação é superada pela empatia, a solidariedade, pela reunião, ou, podemos dizer, pela reconciliação. É preciso resgatar a empatia consigo mesma, é preciso que ela possa perdoar a si própria.

Novamente, temos que falar sobre o fundamento da cura ontológica, o que é em si honradez com o real e a superação da alienação, o Novo Ser, Cristo. A participação no Novo Ser é o fundamento da cura do *ser* e o estar possuído pelo *incondicional* que sua vitória sobre a alienação, por atingir o *ser* todo, supera a alienação, “une todos os elementos da vida da personalidade: as forças corporais, inconscientes, conscientes e intelectuais”³⁸, em perspectiva latino-americana temos

³⁴ HEIDEGGER, Martin. *Sobre o problema do ser: O caminho do campo*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1969, p. 21.

³⁵ HEIDEGGER, 1969, p. 37.

³⁶ SOBRINO, 2007, p. 63.

³⁷ KIERKEGAARD, Søren A. *O conceito de angústia: Uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário*. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 170.

³⁸ TILLICH apud WONDRACEK, Karin H. K. *As Interfaces Fecundas entre a Teologia de Tillich e a Psicanálise: Uma Apreciação Pessoal*. In: MUELLER, Enio R., BEIMS, Robert W. (Orgs). *Fronteiras e Interfaces: O pensamento de Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2005, p. 177.

que dizer, une os elementos culturais, religiosos, econômicos, políticos, sociais, de gênero e classe.

Assim, o alvo final da cura ontológica é que o indivíduo possa deitar raízes na terra e erguer-se ao mais alto céu³⁹. A fé que se abre à infinitude do mais alto céu e deita-se no silêncio e escuridão da terra, a fé que não teme a ameaça da angústia, da opressão, mas deita raízes nelas em sua própria experiência de honradez consigo, é uma fé capaz de erguer-se acima da própria terra onde está plantada, sem nunca perder o fundamento onde está enraizada.

Considerações finais

O mundo contemporâneo tende a transformar pessoas em coisas, números, peças da máquina. O ser humano exige a si mesmo, exige individualidade. O Aconselhamento Pastoral visa indivíduos, visa pessoas em liberdade e responsabilidade. Portanto, precisa encorajá-las a assumirem-se a si mesmas, afirmarem-se como identidade.

A *coragem* conduz o ser humano para além dele mesmo. É uma exigência de transcendência, de superação. A *coragem* arranca o ser humano de sua (falsa) segurança e o joga em meio à insegurança do *futuro*, do além, do transcendente. *Coragem* é ato, atitude. Não se trata de aceitação passiva da *angústia*, mas ativa, protagonismo. *Coragem* exige certeza de si além da *angústia*, exige esperança, *projeto* de vida.

Não se deve esperar, também, que esta proposta de cura faça milagres. Não há garantia de sucesso nem para o/a aconselhador/a, nem para a pessoa que procura ajuda. Como dito, *cura d'almas* não é eliminação da *angústia*. *Sorge* significa cuidado. Dessa forma, a *angústia* é superada enquanto é assumida, aceita e tomada para si. Assim, a pessoa se ergue sobre seu sofrimento, sua condição, fundamentando-se, pela fé, naquEle que superou em si todo o abismo existencial.

Referências

BONHOEFFER, Dietrich. Discipulado. 11. ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011.

³⁹ HEIDEGGER, 1969, p. 68-69.

DICK, Hilário. Na Busca do Ser: a angústia de não-ser. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

DUSSEL, Enrique D. Método para uma Filosofia da Libertação: superação analética da dialética Hegeliana. São Paulo: Loyola, 1986.

EBELING, Gerhard. . O pensamento de Lutero: uma introdução. São Leopoldo: Sinodal, 1988.

FRANKL, Viktor E. Em Busca de Sentido: Um psicólogo no campo de concentração. 32. ed. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Vozes, 2012.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. Paixão pelo Paradoxo: Uma Introdução aos Estudos de Søren Kierkegaard e de sua Concepção da Fé Cristã. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

HEIDEGGER, Martin. Sôbre o problema do ser: O caminho do campo. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1969.

KIERKEGAARD, Søren A. O conceito de angústia: Uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário. Petrópolis: Vozes, 2011.

MARX, Karl. O 18 de brumário de Luís Bonaparte. São Paulo: Boitempo, 2011.

MUELLER, Enio R., BEIMS, Robert W. (Orgs). Fronteiras e Interfaces: O pensamento de Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2005.

PERDIGÃO, Paulo. Existência e Liberdade: Uma introdução à filosofia de Sartre. Porto Alegre: L&PM, 1995.

SOBRINO, Jon. Onde está Deus?: Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

TILLICH, Paul. Teologia Sistemática. 6. ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011.

TILLICH, Paul. A Coragem de Ser: Baseado nas Conferências Terry Pronunciadas na Yale university. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

TILLICH. Paul. Dinâmica da Fé. São Leopoldo: Sinodal, 1974.